

CATEGORIA: *Prosa*

2ª menção honrosa

HISTÓRIA CONTADA PELOS
INQUILINOS DE UM MOTEL
REFORMADO SOBRE UMA SÉRIE DE
ACONTECIMENTOS E VIDAS
CRUZADAS

Ana Cláudia Ramos dos Santos Monteiro

Vivemos num conjunto de apartamentos amarelos, com uma piscina e lavandaria partilhadas, que costumava ser um motel. Os quartos foram remodelados em deliciosos apartamentos T0 e T1, minúsculos mas agradáveis.

Mrs. Pinter, dona do motel, afectuosamente chamado de “condomínio”, comprou-o barato, abandonado e sedento de obras com o dinheiro do seguro de vida do marido cujas circunstâncias do falecimento nos são completamente desconhecidas. Quando o primeiro de nós alugou o apartamento, Mrs. Pinter já cá estava há muito tempo. É uma senhora encorpada e ruiva e de sangue irlandês algures. Nunca abandonou o nome de casada e cortou pela raiz qualquer avanço de vários inquilinos. Todos somos testemunhas do seu gancho de direita, com que esmurrou o polícia quando vieram cá a primeira vez por distúrbios. Passou a noite na cadeia com o causador da algazarra, que não tivera a melhor das defesas, cambaleando pelas escadas com uma garrafa de cerveja pendendo dos dedos frouxos, e cantando como se a sua vida dependesse disso. O polícia esmurrado disse que ele tresandava a álcool e a cebola. Todos nos fixámos nestes pormenores, menos a cubana Aragón e a irlandesa O’Sullie — elas detectaram com horror as manchas de tomate e gordura na camisa branca que ele vestia. Normalmente entregamos — sobretudo os homens — camisas, meias e roupa interior para lavar à Aragón e à O’Sullie. Elas passam pelos apartamentos com um cesto verde ou um saco plástico branco e gigantesco, cujo barulho se assemelha ao de quarenta mil papéis a serem amachucados. Quase todos nós temos uma tarefa para proteger os inquilinos, a quem afectuosamente chamamos “vizinhos”. Eu, por exemplo, estou encarregue de impedir Mr. Benna, que mora na porta ao lado da minha, de acabar numa semana com o fornecimento mensal da máquina de refrigerantes.

Mrs. Pinter é muito liberal com as rendas: não há contratos de aluguer, cada um fica e parte quando quer. Provavelmente isto nunca deixou de ser um motel. O que o distingue dos outros é que ainda nenhum de nós saiu.

Nem todos vínhamos com a intenção de ficar. Alguns estavam a seguir o rumo natural das coisas, e o rumo natural das coisas fê-los tropeçar aqui.

Alguns vieram porque não encontraram outro sítio, outros porque este foi o primeiro que encontraram. Alguns vieram propositadamente para o motel amarelo por causa de uma aposta estúpida que Mr. Benna fez na cidade sobre se aquela cor brilhava ou não no escuro. Ele veio para cá com intenção de repousar no deserto durante uma ou duas semanas, mas nunca mais saiu. O carro de Mr. Howard, um cobrador endividado a fugir da mulher, ficou sem gasolina justamente à entrada. Mrs. Pinter, todos nós, acolhemo-nos uns aos outros à medida que cada um foi chegando. Alguns não se sabe como vieram para cá, como a O'Sullie, que chegou durante a noite e de manhã já estava instalada. Ela bateu a cada uma das portas e ofereceu uma travessinha de bolachas a cada um, garantindo que cada bolachinha continha uma barra de manteiga. Louise, cujo sonho é aparentemente ser um palito torrado, passa os dias deitada na espreguiçadeira ao sol e a fazer exercício, e perguntou à O'Sullie se ela queria matá-la. Mr. Benna, por outro lado, comeu todas as bolachas à porta e bamboleou atrás da O'Sullie para lhe pedir a receita, e por causa disso ela passa-lhe a roupa a ferro de graça. Não sabemos como a O'Sullie ou outros vieram cá parar, porque escolheram este, de todos os outros, um motel reformado de casas pintadas de amarelo, com renda ao mês, e não sabemos porque nunca ninguém parece sair.

Bom, isto não é inteiramente verdade. Aliás, era essa a história que eu ia contar. Um dos apartamentos mudou sucessivamente de dono devido a uma série de trágicos acontecimentos. Ele fascina cada um de nós e apanham-nos muitas vezes a olhar para cima, para ele, a caminho da lavandaria ou quando estamos estendidos nas espreguiçadeiras à beira a piscina e o sol nos tosta a pele, que no meu caso se solta como a primeira superfície da casca de um ovo — e toda eu volto a nascer, rosada como um leitãozinho.

O apartamento estava vago e foi alugado por um casal que não falava muito e conseguia pôr todos os seus pertences na parte de trás do carro vermelho. A mulher tinha ar de quem tinha muito para dizer, como se a qualquer momento fosse explodir e bocas lhe saíssem dos cotovelos, mas retraía-se por causa do marido. Mesmo quando ele não estava presente, tinha toda a aparência de uma fiel dona de casa, o cabelo preto preso puxado, o ar tímido com que nos olhava, de queixo atirado para o chão e mãos firmemente seguras na bolsinha de pano vermelho. Mas eram os seus olhos negros, ocasionalmente divertidos

por uma piada de Mrs. Pinter, e o sorriso irrequieto, torcido como um pano molhado, reprimindo o riso e as palavras, que a denunciavam aos seus vizinhos. O marido era alto, peludo, respeitador, falava por grunhidos e pagava todas as contas a horas.

Um dia ele chegou a casa e encontrou um manto transparente e floreado e um cheiro e perfume caro envoltos na mulher, pousada serena como uma peça de arte sobre a mesa de jantar, enquanto um rapaz novíssimo, filho de um pescador no meio do deserto, a imortalizava em carvão. Foi ao quarto, tirou a arma da cómoda e enfiou-lhe uma bala na cabeça. Depois virou-se para a mulher:

— Também te enfiava uma bala mas jurei que nunca te abandonaria. Vai-te vestir e faz as malas.

Partiram nessa mesma tarde e, apesar de não parecer, fizeram-no sem grandes pressas: tiveram tempo de arrumar tudo antes de saírem. Todas as coisas, todas as roupas, toda a comida, fotografias, champôs, caixas, livros, pratos, talheres, tudo quanto possuíam abandonou com eles aquela casa, tal como havia chegado, acomodado no banco de trás do carro vermelho por sabe-se lá que milagre. Lavaram o apartamento de cima a baixo. Toda a casa, em todos os cantos, onde quer que nos puséssemos, libertava o cheiro ácido a limão. A única coisa que deixaram para trás foi o sangue do filho do pescador, como uma explosão de espessas gotas de melancia salpicadas e gravadas na parede. Íamos limpá-las com lixívia, mas veio cá a Polícia e declarou o apartamento como cena de crime, levaram o corpo do rapaz perfumado a citrino e não deixaram ninguém entrar. Foram-se embora uns dias depois quando o carro vermelho já tinha bem atravessado a fronteira. Mas nem por isso Mrs. Pinter desistiu de tentar alugar o apartamento, mesmo com as manchas e a fita amarela na porta, levando as visitas a ver o meu apartamento e pedindo muitas desculpas por não poder mostrar o apartamento vago. Algumas visitas desapareciam pelo motel e quando Mrs. Pinter as encontrava estavam especadas em frente à porta do apartamento pregadas na fita amarela e no sangue lá dentro, e muito confusas quanto ao cheiro a limão. Aí víamo-la inventar todas as histórias que justificassem aquela vermelhidão incansável na parede, e Mr. Howard garantiu-nos uma vez que as palavras “explodiu uma fruta” saíram da boca dela.

Uma das visitas perguntou-lhe uma vez:

— Ouça lá, aquilo é sangue, não é?

E Mrs. Pinter despejou toda a história como se tivesse andado a desejar contá-la o tempo todo, e ao mesmo tempo como se se rendesse à mórbida verdade, e ao mesmo tempo como se se libertasse de um peso enorme. O senhor da camisa havaiana cofiou os bigodes e disse:

— Olha que bela história. Sabe que eu podia escrever alguma coisa sobre isso. Por quanto disse que alugava?

E no mesmo dia o escritor, Mr. Murphy, sentou-se confortavelmente em frente à máquina de escrever e em frente às manchas de sangue e escreveu tudo quanto vos conto agora. No princípio tentou apimentar as coisas — achava que devia — mas de cada vez que olhava para cima para aquelas manchas apagava tudo e era com um comboio encarrilado, regressando à verdade. Recolheu relatos dos acontecimentos e de todo o condomínio amarelo, até do homem da piscina, de meia-idade, calças de ganga e chapéu de palha, e cuja língua materna não é esta.

Depois de acabar a história pensámos que ele se afeiçoara à casa, mas um mês falou em ir-se embora e no dia seguinte fomos encontrá-lo no fundo da piscina, mais limpa do que alguma vez a tínhamos visto, a água limpíssima e as flores gigantes da camisa ondulando ensopadas à luz da manhã. A Polícia voltou para prender o homem da piscina e o irmão de Mr. Murphy veio reclamar o corpo e, quando lhe falaram nas manchas, também ele quis vê-as. Olhou para elas estarecido, talvez por causa do irmão, e disse:

— Então era sobre isto que ele andava a escrever — e enterrou a cabeça no braço e chorou.

Mrs. Pinter consolou-o e todos lhe oferecemos um ramo de flores e uma travessa de bolos da O'Sullie.

Quando demos por ela, ele tinha alugado o apartamento e na primeira semana soubemos que ele planeava superar o desgosto dormindo com todas as mulheres do condomínio. Mrs. Pinter, agora gato escaldado, avisou-o que mais depressa acabaria no fundo da piscina como o irmão, porque esse tipo de comportamento não seria tolerado. Mrs. Pinter não acordou ao lado dele no dia seguinte, como alguns apostaram, e ele regressou aos seus afazeres na grande cidade poucos dias depois.

O apartamento continuava vazio. As manchas de sangue continuaram a suscitar interesse e de vez em quando apareciam uma ou duas pessoas que queriam vê-las. Num dos churrascos alguém sugeriu abrir a casa ao público, cobrar entrada e um extra pela história. Mrs. Pinter estava relutante. Respondeu achar que ganharia mais dinheiro alugando o apartamento o mais depressa possível. Alguns desconfiaram da sua força de vontade, fragilizada pelos acontecimentos, e insistiram durante vários dias, até que ela anuiu e pediu que escrevessem a história a ser contada.

Na noite antes de abrirem o apartamento, a O'Sullie veio bater à minha porta, um frio cortante nos ossos e o vento do deserto e assobiar nas varandas e janelas, e perguntou-me se eu ainda tinha alguma lixívia, porque a dela e a da Aragón tinham acabado, e Mrs. Pinter não costumava usar.

Uma vez Mrs. Pinter comentou comigo o quão surpreendida ficara por nenhum de nós se ter mudado depois da sucessão de tragédias que se proporcionara naquele Verão. De facto nenhum de nós saiu daqui, e tenho a sensação de que tal coisa não passou pela cabeça de ninguém. Das nossas janelas vemos os nossos vizinhos jantar em frente à televisão, sair para a piscina, limpar o pó a molduras e mesinhas de café, passear em pantufas felpudas, espantar gatos fora do sofá e centopeias à chinelada. Todos nos conhecemos e as nossas rotinas partilhadas adquiriram algo de familiar. Habitúamo-nos e adaptámo-nos à existência uns dos outros. Vivemos aqui. De certa forma, é quase como uma fortaleza virada do avesso, onde nos sentimos protegidos independentemente do que acontece cá dentro.

O dia seguinte era Sábado e a vez da O'Sullie de fazer o pequeno-almoço comunitário. Ela estava no apartamento para alugar. Louise subiu até lá e à entrada deu um grito. Todos nos precipitámos escadas acima. O'Sullie, Aragón e Mrs. Pinter tinham dado alguns retoques ao apartamento. As manchas de sangue tinham desaparecido.